

**Memória formativa de uma professora do ensino superior:
narrativas de vivências na Ilha de Fernando de Noronha**

**Education memorie of a professor of tertiary level:
narratives of experiences in the Island of Fernando de Noronha**

Ana Lúcia Oliveira Aguiar¹

Stenio Brito Fernandes²

José Evangelista de Lima³

Resumo: Este trabalho ergue-se da memória formativa das vivências de uma professora do ensino superior, tendo como *locus* a cartografia do corpo na Ilha de Fernando de Noronha. Reúne um conjunto de reflexões do olhar de hoje, sobre o ontem, do ontem sobre o hoje, a partir da memória saudade/agradecimento, de uma mulher filha de pescador, a partir do que foi deixado de encantamento e cravado no sentimento por (entre) lugares e sujeitos na construção de teias de significados (auto)formativos. Objetiva exercitar a memória lembrança formativa tendo como foco histórias de mulheres do mar como uma das dimensões de pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Memória, (Auto)Biografia e Inclusão (GEPEMABI), da Faculdade de Educação de uma universidade do estado do Rio Grande do Norte. Utiliza as narrativas (auto)biográficas como caminho aquecedor da memória lembrança, exercitada em sessões reflexivas. Resulta em aprendizado formativo com um forte teor de significados de vida e releitura de mundo o que favoreceu ao pouso da alma acalmado pelo passeio macio das palavras sobre um tempo, um lugar, acontecimentos de fazer e sentir de volta à Ilha. Ouvir, contar, narrar através de reflexões do olhar do ontem sobre o hoje e do hoje sobre o ontem e saborear as narrativas de uma mulher sobre o seu passado na referida Ilha teceu uma experiência de formação (auto)biográfica, andou pelo implícito nas palavras e mergulhou nas (auto)biografias, como perspectiva de uma teia de significados tecida pela memória lembrança de uma história de vida.

Palavras-chave: Memória Formativa; Mulheres do Mar; (Auto)Biografia; Ensino Superior.

Abstract: This work erect from the education memorie of the experiences of the professor of tertiary level, having as a locus the cartography of the body in the Island of Fernando de Noronha. It brings together a set of reflections from today's look, about yesterday, from yesterday about today, from of memorie the of longing / thanks, to daughter woman's a of fisherman, from what was left of enchantment and spiked in the feeling for (among) places and subjects in the construction of webs of (auto)education meanings. It aims to exercise the of education memorie, focusing on stories of women from the sea as one of the research dimensions of the Group of Studies and Research in Education, Memorie, (Auto)Biographics and Inclusion (GEPEMABI), Faculty of Education of a state university of Rio Grande do Norte. It uses the (auto)biographic narratives as way heater of remembering memorie, exercised in reflexive sessions. It results in education learning with a strong content of meanings of life and re-reading of the world which favored the landing when of the soul calmed by the soft walk of the words about a time, a place, events of making and

1 Professora Adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN (Mossoró/RN). Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC.

2 Professor da Escola Estadual Jerônimo Vingt Rosado Maia, vinculada a Secretaria de Educação e da cultura do Rio Grande do Norte – SEEC/RN (Mossoró-RN). Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

3 Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (Mossoró/RN). Psicólogo da Secretaria de Saúde Pública do RN/SESAP, atuando no Hemocentro de Mossoró/RN. Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

feeling back to Island. Listening, telling, narrating through reflections of yesterday's gaze on today and today's about yesterday and savoring the narratives of a woman about her past in the said Island has undergone a (auto)biographic training experience, walked by the implicit in words and plunged in into (auto)biographics, as a perspective of a web of meanings woven by memorie of a life story.

Keywords: Education Memorie; Women of the Sea; (Auto)Biographic; Tertiary Level.

Introdução

Neste estudo intitulado, *Memória formativa de uma professora do ensino superior: narrativas de vivências na Ilha de Fernando de Noronha*, apresentamos um tempo memória lembrança de uma filha de pai pescador e mãe criadora moradores da Ilha de Fernando de Noronha, chamemos de Edelweisse.⁴ Por entre encantos e seduções, passearemos pela alegria impregnada no traduzir uma trajetória de um tempo que ficou ontem e que acompanha hoje os passos dos narradores de vida. É, sem dúvida, o traço mais forte da composição desse artigo: da trajetória do sentimento à escrita do sentimento, da fala, da narrativa, do dito e do não dito, do esquecer e do lembrar-se de um narrador em busca de uma escuta dos elementos narrativos interligando-os com sua própria essência.

Ancorada na memória como um caminho particular de se extrair a experiência, envolve tantos outros que se misturam com o ouvinte e o narrador. Este é o ponto central da memória lembrança trazido neste artigo, a saber, permitir existência através da escrita da narrativa, por meio do trabalho de narrar dos sujeitos desta história registrado em alegria. Escrever as narrativas do vivido, do trabalho de um pescador cujas marcas estão representada pelo pisar leve e macio dos caminhos que o conduzia à Vila dos Remédios⁵ é trazer a percepção do outro como um trabalhador vivo e reflexivo em busca da firmeza da terra batida do lugar, às águas azuis de um mar azul da Ilha de Fernando de Noronha.

As águas sentidas na pele do pescador dão a tranquilidade de encontros e reencontros com a memória do lugar. Caminhar, ver e sentir se misturam com os mais longínquos recantos das lembranças, do tempo, dos acontecimentos. Sem a memória dessas lembranças a narradora Edelweisse teria sua identidade mexida, abalada, sentida. A arte e o feitio nas palavras da narradora sobre seu passado lembrança é como a satisfação pela concretização de um tempo, de uma vida dirigida por brilhos de si de onde jorra centelhas de uma cultura vivida por onde o passado se conserva no presente e se encaminha para alargamento das fronteiras do feito em um tempo do ontem desbravador de um tempo guardião da memória do passado na luta para continuar sendo memória lembrança viva possível de aprender e de ensinar, de se libertar, de prolongar o tempo da tutela.

Estimulada a lembrar, e ensinar, a lembrança permeada por diversidades de aprendizagens a memória vai se tornando viva, ativa, cheirosa, encantadora por suas plurais facetas e detalhes, que limpa os caminhos da memória lembrança, planta seus marcos e pinta seus rastros com cores de todas as estações do ano. Eis os marcos da memória lembrança de Edelweisse eivados dos sinais da família, dos vizinhos, das cercanias impregnadas de um querer fazer, sem a punição do sufoco. Bem ao contrário para possibilidade de estender a esteira por onde passarão autor e ator no protagonismo da vida. O passeio pela memória

4 Edelweisse foi o nome escolhido pela narradora uma vez que se identifica com as possibilidades de desafios e empoderamento. É a flor do amor. Encontrada nos Alpes desafia aqueles que desejam presentear sua amada desafiando as alturas.

5 Centro histórico da Ilha de Fernando de Noronha.

lembrança da narradora reconduz esta memória à um trabalho sobre o tempo, os espaços, as pessoas permitindo desdobramentos do ontem com o hoje em uma relação indissociável.

Acercando-se desses fios condutores, estimulados por relembrar os caminhos dos seus textos e contextos por uma Ilha, estes fluem e fazem abrir uma reflexão sobre: o que seria se eu tivesse dito o que eu não disse? Por essa razão, de querer dizer o que não foi dito, este trabalho ergue-se da memória lembrança denominada povos do mundo da Ilha de Fernando de Noronha. Reúne um conjunto de reflexões do olhar de hoje, sobre o ontem, do ontem sobre o hoje, a partir da memória saudade/agradecimento de uma mulher filha de pescador, a partir do que foi deixado de encantamento cravado no sentimento por (entre) lugares e sujeitos na construção de teias de significados (auto)formativos.

Exercitar, como objetivo, a memória lembrança formativa com fundamento através das pesquisas realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Memória, (Auto)Biografia e Inclusão (GPEMABI), da Faculdade de Educação de uma universidade do estado do Rio Grande do Norte. Utiliza as narrativas (auto)biográficas como caminho aquecedor da memória lembrança, exercitada em sessões reflexivas. Resulta em aprendizado formativo com um forte teor de ressignificado e releitura de mundo o que favoreceu ao pouso da alma acalmado pelo passeio macio das palavras sobre um tempo, um lugar, acontecimentos de fazer e sentir de volta à Ilha.

Onde está o ponto central deste escrito? No campo do pensamento saudade, da voz dos agradecimentos que engendram textos rebuscados dos gritos evocados pelas palavras que, por muito tempo silenciado, conduziram a relação com o ausente, como a argila nas mãos do oleiro de uma mulher do mar.

Uma história posta em palavras que se inicia antes de mim como meus pré-textos - Ilha de Fernando de Noronha

Benjamin (1994, p. 198) nos ensina ao dizer que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”. A minha tomada de decisão, lembrar e escrever, denominada como elementos pré-textuais da alma no vínculo com a terra, para dizer, primeiro, que o escrevi da forma como meu coração, há dias vem me prescrevendo pensar e decidir por fazer. É do modo como me sinto. A escrita advinda da minha alma amparará meus sons seguintes, apaixonados, vivos, quente. Decidi seguir a voz e a escrita do meu coração. O enunciado Socrático “Conhece-te a ti mesmo” me empreende o dever de aproximação comigo e, em assim percorrendo, chego ao Outro. Buscamos a nós mesmos para qual lugar? Na busca de sentido para a nossa existência. Uma busca de si. Por esse caminho, a partir dele, ancorado e erguido nessa reflexão de mim, de si e do outro, faço esse percurso da busca pela compreensão de si pelo humano para chegarmos ao valor das relações de vínculo.

Ouvir o som da dinâmica da vida. Ela tem sentido. É sentido. O movimento impresso na vida significa porta aberta para a compreensão dos simbolismos que a constituem. Nego-me a viver uma vida sem sentido, a não fazer a releitura do que me cerca, daqueles que me cercam. No movimento, desse não me negar, revejo como tenho construído minha história, como pessoas tem construído minha história, como me biografado como tenho me biografado, como darei continuidade à escrita da minha biografia.

A narrativa, diz Benjamin (1994) não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. É com esse entendimento que floresce, pelos caminhos das minhas incertezas, aos meus questionamentos, às minhas tensões, ao meu amargo, os meus sabores, ao meu

aprazível, ao meu deleitável, das dimensões pessoal e coletiva. Quero ler meu doce e suave ser, quero passear pela minha leveza do ser, ser capaz de transformar-me no meu próprio ser de sujeito, adentrar, mais ainda, em meus contextos, minhas memórias, minhas experiências, meus sentidos, minhas mobilidades, em novos arranjos sociais e configurações que me identificam para nesse ato de conhecimento continuar promovendo a autotranscendência, como nos lembra Sócrates, no caminho das renúncias e purificações acompanhado de uma prática reflexiva permanente das minhas ações, atitudes, para me tornar, sempre, possibilidade de me descobrir e de me autorizar todos os dias. A vida em sua dinâmica. A vida arte que vamos aperfeiçoando na arte de vida, esteira na qual encontramos nossa potencialidade formadora.

Ao movimento do biografar-me tendo como ponto de partida, o viver a vida como o mundo, comigo, com os outros. As dimensões subjetivas e da subjetividade permitem o autoconhecimento. Ouvir a voz dos caminhos construtores e diante dos quais dialogamos no interior de cada um no presente. Criamos, fazemos o percurso de retorno do que criamos e recriamos. Os processos formativos levam à questão do ser humano, como central, como sujeito e como objeto do processo de transcendência. Escrever o mundo, a partir de modos de viver, narrar, guardar em diálogos cruzados na região de fronteira onde os sujeitos se tocam, modos de produção da vida para apreender novos contornos e configurações na arquitetura da cartografia de partilha, reflexões, aproximações. Aglutina a inventividade e nos construímos como produtores das nossas histórias de vida. Contar a minha história para viver a minha vida, a sua vida, dando-lhe um modo que lhe corresponde e a revela.

Ao longo da minha vida, a minha Terra Natal. Minha grande mestra. Trago a relação com a terra e com o mar como uma marca apaixonada e viva na minha vida. Minha Terra Noronha, minha professora da vida, das letras, das artes, das lutas, do amor. Foi minha primeira mestra. Sem alguma obrigação de lembrar, mas do sabor doce e suave do lembrar por onde caminhei com quem caminhei, e com quem construí alegrias, sonhei, vivi certezas e incertezas, dores, interdições e permissões, no prumo dos valores de respeito aos princípios da dignidade humana. Na relação com a Terra Natal meu eu, nosso eu, fiz-me com base na honra e dignidade com e para a vida. O valor das relações de vínculo está cimentado nos braços, no colo, no corpo de uma mulher do mar na constituição corporal, mas forte, segura, decidida, resiliente na performance dos valores humanos.

Á força do não poder interditar os saberes construídos e aprendidos com as gerações que nos antecederam e que nos sucederão e que permitem desvelar nossas histórias de família que envolve e proporciona equilíbrio entre o ontem, o hoje e o amanhã, em uma relação interativa e dinâmica. As nesgas dos saberes contido em mim, dentro de mim, estão e são latentes. Serão sempre latentes, estarão sempre latentes. E aqui, faltam palavras para dizê-los como são tão fortes em minha vida que em tudo o que eu desenhe, escreva, faça, produza estão os sinais de uma professora lá trás que atravessa o tempo fazendo-me companhia. Minha Terra Natal!

Diante dos ensinamentos da Ilha de Fernando de Noronha a oportunidade de descobrir, de continuar perfazendo um caminho de valores das relações de vínculo, esse pequeno pedaço de terra fértil entre os terrenos de ontem e hoje, fortalecedores do amanhã. Minha Terra! Ela está inscrita em mim. Tudo o que eu sei está para além de qualquer palavra que eu queira dizer. Para além ou aquém das palavras para dizê-lo. Assim minha narrativa, minha alma enterrada na Ilha de Fernando de Noronha está na mesma proporção como aprendi em Benjamin (1994) floresceu no meio de artesão, no campo, no mar e na cidade, é ela uma forma artesanal de comunicação.

Minha Ilha é um alforje que me torna pensável. É minha reminiscência que funda minha cadeia de tradição que transmite os acontecimentos de geração a geração, como no Narrador de Walter Benjamin. É um saber que não se sabe totalmente, pelos mistérios do que não fica em palavras, mas que permeia os pensamentos. Instala-se no imaginário, no querer dizer e não foi dito, mas pensado, mergulhado em precisar dizer, mas se conter em dizer. Minha Terra Natal é um saber que não se sabe, como um clássico, que nunca se esgota. Menos por sofisticação de palavra, de escritos, de produções da vida, do que pela simplicidade da sabedoria que não teve ocasião de se expressar. Ensinaamentos guardados em sua oralidade de palavras comedidas, pensadas, dita, outras silenciadas.

O silêncio da minha Terra Natal era como ensinamentos tão mais fortes do que o expressado. Era seu estoque potencial de vida, naquele podemos dizer bolsa única na qual carrego uma história de vida construída no jogar-me por entre a terra de Noronha, ainda não oralizado, ainda não sabido, aprendido, num insciente, seu desprevenido. O cesto rústico, posto que em construção permanente, da minha Terra Natal carrego como depositário dos seus entendimentos sobre a vida, atravessando meus anos de vida, como transversal em toda as dimensões da minha vivência. Uma história de vida como a força transnacional que tece a rede em que todas as histórias constituem entre si.

Ao que trago à lembrança em Ricoeur (2007), quando ensina que uma história posta em palavras se inicia antes de nós como nossos pré-textos que não é uma dimensão inerte. Ela se faz em nós, nunca acaba de ter coisas a nos dizer coisas que contribuem para a nossa constituição. Interesse-me por elas quando me interesse por mim, para gerar nosso próprio percurso, permite que nos aproximemos daquilo que se produziu sem nós, antes de nós, para gerar nosso próprio percurso, refletimos no autor. Permite que nos cheguemos ao aconchego daquilo que se produziu em nós, antes de nós, e que desatado de nós se produziu ao seu modo. Socialmente produtor de alteridade e de laços sociais.

Minha Terra Natal pôs-me no colo, contou histórias e cantou. Está para além do tempo, do começo ao fim que, pela via da narrativa, se estabeleceu entre os tempos plurais da nossa própria narrativa. Recolho seixos e cinzas deixados pela terra que me criou e onde me criei, num efeito de eco que dá vida ao meu corpo e que dá luz as pessoas das quais descendemos que me autoriza ao parto de minha dimensão noturna. Como argila nas mãos do oleiro, minha Terra Natal. Permitiu-me um passado tão vasto de marcas, de balizas, com pistas variadas e plurais que me permitem compor ao meu modo e que é bom todos os dias.

A essa argila, pois me mantenho autor do meu texto compondo com esses ingrediente e orquestrações fincado na voz do coração lá trás em minha Terra Natal. Concordei ontem, concordo hoje, talvez mais do que, diariamente, está aberto à minha memória o solo em que piso e a paisagem com sua profundidade com respeito e dignidade conjugados. Os ensinamentos da minha Ilha, sob a forma de narrativas e de imagens, constituem e jorram de uma fonte eminentemente formativa de vida simples, de uma mulher em situação da simplicidade dos seus lugares de vivência. Partem do humano e a serviço do humano. Como argila nas mãos do oleiro continua a minha Ilha como oleira da minha vida.

Ao poder voltar ao texto inicial dessa memória lembranças, como denominei de *uma história posta em palavras que se inicia antes de mim como meus pré-textos* para dizer que minha Terra Natal é pré-texto, sempre será. É meu pré-texto que imprimiu o valor do cotidiano no texto e contexto de minha vida. Apontou que o valor das relações é condição impar posto que envolve sentimentos guardiãs, forma que põe em evidência a antecipação aprisionante na construção dos saberes. É um retato multicolorido de lições.

À presença atenta da minha Terra Natal, deixou-me um diário. Um diário escrito das singularidades dos seus lugares de memória, dos seus espaços educativos, de suas cartilhas benéficas para minha formação como sujeito da minha história. Ímpar em meus textos e contextos. Como minha Ilha de Fernando de Noronha é sábia em falar e eu em saber escutar! Sua voz, em todas as vozes do ambiente, soa como um eco no mover do meu coração.

Um tempo na memória lembrança (auto)biográfica que o tempo pode abarcar – fragmentos (Auto)Biográficos

Mas se a Ilha de Fernando de Noronha tem uma filha de pescadores como guardiãs do passado precisaram guardar para, de forma dinâmica, potencializar as memórias empoderadas pelos sujeitos atores e autores de sua própria história. Memórias lembranças preservadas de forma geracional para o não banimento, o não despojamento e opressão das memórias subterrâneas. Qual função social das memórias lembranças que trazemos neste estudo? A função social de lembrar, recomendar, educar. Provocar o estímulo ao projeto de vida enquanto caminho, trajetória onde todas as fases dialoguem, se preservem, se protejam dos estigmas da fragmentação, da relação linear dos conhecimentos. A função é trabalhar a responsabilidade de aquecer as memórias para impedir que seja impedida por uma visão que nega história dos sujeitos da ordem do dia (CERTEAU, 1994).

Ao narrar sua história Edelweisse motiva práticas de preservação da relevância da memória sufocada pela história oficial celebrativa cuja glória, na concepção dos que a defende, é a vitória de uma forma de se refletir sobre a história de um lugar. A narradora deste estudo, como recordadora, reconstrói e interpreta o cotidiano da Ilha de Fernando de Noronha, sua Terra Natal, na qual viveu por treze anos, de 1951 a 1963. Desde tenra idade, Edelweisse, luta por dar a palavra às vozes de seus pais que foram silenciadas pelo momento do governo militar que controlava a referida Ilha. Trata-se, certamente, do passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória (HALBWACHS, 1990; POLLACK, 1989). A viagem, na memória, dura até hoje.

Como criança, Edelweisse se entregava aos ensinamentos dos seus pais e do ambiente natural da Ilha de Noronha, ouvia as conversas de inquietação em torno da falta de alimentos não produzidos na Ilha e que chegavam de Recife. Testemunha da história, mesmo com tenra idade, a narradora se inquietava e perguntava à mãe: “porque saímos da Ilha para o Continente?”. A menina, tão pequena, escutava do quarto, seus pais conversarem sobre a situação da Ilha, as lacunas de educação básica, pois a na Ilha o Grupo Escolar só ofertava ensino até a 2ª Série do Primário (denominação à época).

A sensibilidade e os cuidados com a natureza, o uso do alimento, o enfrentamento das lutas sociais, defesa do meio ambiente, foram aprendidos por Edelweisse na prática, no cotidiano, no dia a dia, com seus pais e com o envolvimento no trabalho da pesca, da criação. A influência, da família, sobretudo de sua mãe que lhe apresentou teoria, sem saber que eram teorias, do cotidiano, a céu aberto. Despertou o processo de luta pelos direitos sociais, ao deixar uma herança de espírito combativo em defesa dos direitos das pessoas oprimidas. O que acompanha sua vida a mais de 60 anos. Essas inquietações, essa leitura de mundo fora aprendida na prática com os diálogos em casa, na Ilha de Fernando de Noronha, na Vila de Pescadores.

Josso (2010) afirma que o trabalho (auto)biográfico sobre as narrativas de vida, em cointerpretação com o seu autor, busca não apenas o conhecimento de si, visando compreender o sujeito na sua essência, em como este se tornou o que é ou como se transformou ao longo de sua vida pelas suas experiências;

busca, também, saber para além do conhecimento de si, como esse sujeito se compreende diante das circunstâncias, de seus investimentos e objetivos com base na sua auto orientação possível que é mediada pela sua consciência em todo esse percurso.

Edelweisse buscou o conhecimento de si. Lendo suas narrativas escritas (auto)biográfica referente às suas aprendizagens adquiridas na infância e que se preservam até hoje na sua vida teórico prática, aprendemos no processo de narrativa/contação/autoformação. Ao dizer que havia a preservação da ilha que aprendia a preservar desde pequena na sua formação, na sua história de vida, porque reflete todo um processo no que é Edelweisse na contemporaneidade. Sua formação foi a de casa, as lições de respeito à natureza, à diversidade, a própria alimentação, porque sua mãe já educava dizendo: “se você vai comer, como tanto; e, se quiser mais, pede e a gente bota mais, mas nunca botava de uma vez só”. As lições de casa a respeito do meio ambiente, a respeito da natureza, a respeito, inclusive, da nossa posição diante da hierarquia militar, mas não como submissão, porque aprendeu com a sua mãe e trouxe para sua vida, que era preciso reivindicar. Não foi com a aprendizagem escolar, na aprendizagem formal. As aprendizagens desde ontem, desde sempre, do ponto de vista das lutas sociais, dos movimentos sociais, dos questionamentos nasceu na Ilha de Fernando de Noronha.

Nas lembranças de seu pai, Abelardo Neves de Aguiar, que era um homem que só tinha a terceira série do primário e que era um homem muito inteligente aprendeu a fazer fazendo. A filha via seu pai lendo as revistas do Instituto Nacional Brasileiro. Ele aprendeu eletricidade, refrigeração, cursos técnicos por correspondência e consertava todas as coisas dos moradores da ilha. Edelweisse diz:

Meu pai foi chamado para trabalhar no Correio. Nessa época, o agente postal que postava as cartas e telex foi transferido para Recife e papai foi chamado para ocupar o lugar dele. Papai foi chamado, por causa da sabedoria dele, da articulação dele na ilha. [...] Ele disse: “[...] o governador da ilha me chamou para assumir, eu não tinha ninguém que me ensinasse a fazer aquele trabalho [...] tive que aprender sozinho a passar telex”. Ele teve que aprender sozinho. [...] Ele disse: “Eu fui para os livros dos registros, deixado pelo anterior e fui vendo como é que fazia, como ele fazia; como ele fazia o balancete, como ele registrava as cartas, os telex, como ele registrava o dinheiro e como ele recebia. Ele aprendeu sozinho a fazer a contabilidade (Narrativa da professora EDELWEISSE, MOSSORÓ, 2019).

Na Ilha de Fernando de Noronha, seus pais não enfrentaram conflitos. Tudo o que pleiteavam compartilhavam com o comandante da Ilha. Papai e mamãe ensinaram a dialogar. Dialogar, eu aprendi o diálogo com meus pais, pois já estava no meu conceito de mundo, do mundo da vida. Então, mamãe dizia:

Primeiro, vamos conversar e, depois, vamos ver o que vamos fazer, a depender da conversa. Porque, também, nós tínhamos amigos; eles tinham amigos, [...], amigos militares, amigos tenentes, o próprio governador da Ilha nos amava; amava papai e mamãe; por quê? Pela determinação dos dois, pelo trabalho dos dois, na Ilha; pela postura deles, ética; um casal unido, de uma família unida (Narrativa da professora EDELWEISSE, MOSSORÓ, 2019).

Edelweisse articula, até os dias atuais, sua herança, os saberes herdados dos seus pais. O trabalho (auto) biográfico leva ao sujeito que articula suas heranças, suas experiências formativas, sua identidade, sua pertença, seu *ethos*, os valores, às oportunidades de sociabilidades, à sua capacidade para reconhecer seus limites, possibilidades e potencialidades, utilizando o direito de proceder conforme lhe pareça, contanto que esse direito não vá contra o direito de outrem. Desse modo, “coloca em evidência a exigência metodológica de pensar as facetas existenciais da identidade como uma abordagem multirreferencial que integra os vários registros do pensar humano” (JOSSO, 2010, p. 84).

Em sua memória lembrança Edelweisse recorda que havia a preservação da ilha. Aprendia a preservar desde pequena na sua formação, na minha história de vida, porque reflete todo um processo como lemos:

Hoje eu tenho orgulho de dizer que a minha primeira formação veio do mar, vem da Ilha de Fernando de Noronha: eu aprendi a preservar a natureza, eu aprendi uma disciplina alimentar, eu aprendi as reivindicações. Já aos dez anos de idade, eu acompanhei a minha mãe com o horário que pedia para falar com dona Lígia, esposa do major Coelho Neto, para sair da ilha e vim morar no continente, porque a minha mãe e o meu pai queria que nós estudássemos. Eles diziam: “Uma pessoa só vira gente com os estudos”, mas na ilha só tinha até a 2ª Série do Primário. Como os meus pais iam querer que fizéssemos até a 2ª Série? [...] Mamãe dizia: “Eu odeio essa ilha, porque tudo só vem para os militares”, só depois, para os civis, Sônia, não era para todos os civis não, era para aqueles que tivessem status (Narrativa da professora EDELWEISSE, MOSSORÓ, 2019).

Hoje, todas as leituras e conhecimentos que tive em outras culturas, em outros mundos, eu posso olhar lá trás, Noronha, como a base e eu não posso dizer diferente. Que base era essa? A base que me instigou, a base que me deu força, a minha família: meu pai e minha mãe que sempre tiveram em mente que os filhos deveriam estudar para serem gente. Então, isso é muito forte e é uma responsabilidade muito grande com os pais: ter que estudar para “virar gente”, porque ela considerava a formação escolar e acadêmica como formações fundamentais e mamãe dizia: “Ninguém tira os estudos de alguém, ninguém tira o conhecimento de alguém” e mamãe ainda dizia: “O marido de uma mulher é o estudo dela; e o trabalho é a força dela”; ela educou dessa forma. Então, a base está lá; que base? A base da luta, da busca e das superações, está lá na Ilha. É claro, a partir dessa base que foi sólida para mim, quando eu olho a Ilha, eu digo: é a minha força, tudo o que vier depois é possível de superação, é possível de reconstruções. Então, viemos para o continente. É claro, quando você pergunta se outros fatos demarcaram, eu não digo nem demarcaram; outros pontos mantiveram o fortalecimento da minha formação, só vieram a fortalecer o que eu aprendi lá.

Edelweisse narradora em seus lugares/não lugares de memória lembrança (AUGÉ, 1994) transforma, rapidamente, seus plurais lugares no fazer e refazer que a acolhe na passagem da noite para o dia. Esses lugares de memória, lugares de cada um e de todos, imprimem sua marca como um jornal que estirado ao chão esquenta o canto de dormir, testemunham de uma vida diária.

Aquela marca da alma, do olho e da mão inscritos no mesmo campo da tessitura de suas vidas cotidianas. Seus limites se definem exatamente pela presença do corpo, do olho e da voz, da palavra, do silêncio. Corpo que se movimenta para lá e para cá à procura de um freguês; olhos que procuram, instigam, alimentam, seduzem, afirmam, se contentam e se entristecem no trabalho, vidas desenhadas pelo drama e a trama da sociabilidade dos simples como defende Martins (2000). Vozes que contemplam o interesse deste trabalho, pois dizem tanto e narram do vivido, do experienciado. Basta oferecer a escuta e, de repente, tudo acontece.

Considerações

Este trabalho ergue-se da memória lembrança de povos do mundo da Ilha de Fernando de Noronha. Reúne um conjunto de reflexões do olhar de hoje, sobre o ontem, do ontem sobre o hoje, a partir da memória saudade/agradecimento de uma mulher, filha de pescador, a partir do que foi deixado de encantamento cravado no sentimento por (entre) lugares e sujeitos na construção de teias de significados (auto)formativos.

As narrativas (auto)biografia permite sermos ator e autor da nossa própria história de vida e formação, busca não apenas o conhecimento de si, visando compreender o sujeito na sua essência, em como este se

tornou o que é ou como se transformou ao longo de sua vida pelas suas experiências; alcança, também, saber para além do conhecimento de si, como esse sujeito se compreende diante das circunstâncias, de seus investimentos e objetivos com base na sua auto orientação possível que é mediada pela sua consciência em todo esse percurso.

Utiliza as narrativas (auto)biográficas como caminho aquecedor da memória lembrança, exercitada em sessões reflexivas. Resulta em aprendizado formativo com um forte teor de significados de vida e releitura de mundo o que favoreceu ao pouso da alma acalmado pelo passeio macio das palavras sobre um tempo, um lugar, acontecimentos de fazer e sentir de volta à Ilha.

Ouvir, contar, narrar através de reflexões do olhar do ontem sobre o hoje e do hoje sobre o ontem e saborear as narrativas de uma mulher sobre o seu passado na referida Ilha teceu uma experiência de formação (auto)biográfica, andou pelo implícito nas palavras e mergulhou nas (auto)biografias, como perspectiva de uma teia de significados tecida pela memória lembrança de uma história de vida.

Referências

- AUGÉ, M. Não lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- BENJAMIN, W. Magia, técnica e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura/Walter Benjamin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer/Michel de Certeau; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- HALBWACHS, M. A Memória coletiva.** França: Presses Universitaires de France, 1990.
- JOSSO, M-C. Experiência de vida e formação.** 2. ed. rev. e amp. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.
- MARTINS, J. S. A Sociabilidade do homem simples:** cotidiano e história anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. Revista Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, nº 10, CPDOC, FGV, 1992.
- RICOEUR, P. A memória, a história, o esquecimento.** Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

Recebido em: 31/05/2019

Aprovado em: 07/02/2020